

MOJANG

**MINECRAFT**<sup>TM</sup>

**CRASH  
NO LIMITE**

UMA AVENTURA MINECRAFT OFICIAL



**TRACEY BAPTISTE**

*Para Elliot, Avery e Lindsay.*

## CAPÍTULO 1



Gostaria de encontrar o inventor da expressão «há uma razão para tudo» e dizer-lhe das boas. Isto porque a última coisa que uma pessoa precisa de ouvir, quando tem o seu mundo completamente virado do avesso, é que isso é realmente algo bom. Tipo, mesmo que tivesses uma máquina do tempo mágica, com a qual pudesses voltar atrás e reparar os erros, não era boa ideia usá-la! Pois, pois. *Ninguém* acredita realmente nisso.

Claro que não há nada de bom a dizer depois de tudo se tornar uma perfeita trapalhada. É melhor passar à frente, tentar corrigir erros, esperar que tudo acabe por correr bem. Sinto que devia ter alguma pérola de sabedoria para partilhar aqui, mas não. Não me ocorre mais nada. Pronto, isso e aquilo da máquina do tempo. Temos sempre essa.

Seja como for, o erro que me levou a desejar voltar atrás para o corrigir aconteceu há dias. Quantos dias, não sei

dizer. O tempo está assim... uma trapalhada, neste momento. Seja como for, não posso voltar atrás e mudar as coisas.

Devemos pôr as coisas em perspetiva, certo? Numa sexta-feira, aqui há uns tempos, ia com o meu melhor amigo participar na festa de início do novo ano letivo, também conhecida como jogo de regresso às aulas.

Tinha convencido o Lonnie a acompanhar-me, mesmo não sendo eu, nem ele, fãs de desporto. Na verdade, éramos jogadores. O desporto — a não ser em videogoo — não tinha grande prioridade na nossa lista. Contudo, achei que já que o regresso às aulas era um daqueles marcos na experiência escolar de que tanto falam nos filmes porque não dar lá um salto? Eu era caloiira, e sentia-me animadíssima, em segredo, com o secundário. Era como abrir um nível novo no videogoo da vida — cacifos inteiros onde cambiam mais inventário, os exames eram como bosses maiores para enfrentar, estás a perceber. O Lonnie, por outro lado, não parecia lá muito convencido com o regresso às aulas. Portanto, dourei a pílula e adocei o isco, literalmente. Disse-lhe que ia fazer os meus famosos *brownies* e levar uma manta, para nos entretermos. Preferia pensar que foram os *brownies* e a manta que o atraíram, mas não sei bem. Quer dizer, não há muitos alunos dos primeiros anos da secundária a quererem dar-se com uma caloiira à vista de todos, mas éramos amigos desde os meus 6 anos e os 8 dele. Portanto, a modos que ignorámos os parâmetros estabelecidos de amizade em contexto de secundária.

Ainda assim, a questão é que a culpa foi toda minha. Aconteceu tudo por minha causa.

O Lonnie apareceu por volta das 17 horas. Saí logo com os *brownies* e a manta, entrei no carro, deixei-o arrancar e começámos a falar do Minecraft. A conversa do costume.

— Montaste todas as armadilhas? — perguntou.

Franzi o nariz. Não montei. Principalmente, porque me esqueci.

— Achei que era melhor montá-las antes na base. Decidi pôr chão de vidro na estufa, para vermos tudo lá em baixo.

— Queres dizer que não acabaste o que disseste que ias acabar. Outra vez. — O Lonnie soava mais a pai desapontado do que a meu amigo, o que me deixou na defensiva.

— Volto a isso quando acabar a estufa nova — disse eu.  
— Não sei porque é que tens de me dar na cabeça.

— Bianca.

— Lonnie.

— Tens de cumprir o plano. Todo este mundo vai descarrilar. Se quisermos ter algo que funcione realmente bem, temos de fazer aquilo a que nos propusemos. Não é essa a ideia do mundo de teste? Aperfeiçoar lá e depois passar ao jogo propriamente dito?

— Achava que a ideia do mundo de teste era fazer coisas loucas, para vermos o que funciona. Dar largas à maluquice, estourar coisas, fazer porcaria, e nunca ter de corrigir.

O Lonnie suspirou. Passou a mão pelo cabelo à escovinha, fechou as pálpebras por segundos, como se tivesse dores.

Quando voltou a abrir os olhos, estes tinham-se tornado cinzentos, como o céu de tempestade, e não o cinzento de aço que traduzia boa disposição.

— Pensei que querias fazer este projeto — disse ele. — Disseste que querias criar um mundo inteiro. Novas paisagens. Aldeias inteiras. Um conjunto de regras de sociedade, e depois baralhar e tornar a dar.

— Sim, mas...

— Mas primeiro temos de o fazer. Para o fazer, temos de ter um plano, Bianca.

Eu não queria discutir com ele. Não sabia bem o que dizer para o impedir de respirar pesadamente, como se fosse um dragão a conjurar fogo para soprar na minha direção.

— Tu nunca cumpres o plano. Primeiro, dizes que queres fazer uma coisa, e eu digo: «Pronto, então é assim.» Depois tu dizes: «Ótimo plano!» A seguir, nem sequer finges que fazes o que esquematizei.

Oh, isto ia ser uma briga e peras.

— Mas aqui estou eu, armado em motorista — acrescentou ele.

— Acabaste de tirar a carta. Tens de treinar — comentei.

— Além disso, pensa só nos horizontes que vais expandir, indo finalmente a um evento desportivo!

— Desde quando é que gostas de desporto? — perguntou ele.

Encolhi os ombros.

— Desde que é a minha primeira vez numa coisa em grande na escola, e queria ver como é estar no meio das massas.

— «Massas» é apenas outra palavra para «bandos». Vai por mim, o secundário não é assim tão bom. — Guinou e os pneus até chiaram na Elm Road. — Onde é que fica o estúpido do campo?

— Duas ruas mais abaixo e depois à direita — expliquei.

Parou no semáforo e puxou pelo motor. Até os movimentos do seu corpo transmitiam irritação. Comecei a morder o meu lábio superior, enquanto puxava uma das tranças e a enrolava e desenrolava num dedo.

— Sabes, vão arrasar com o parque infantil — disse eu, de repente.

O semáforo abriu e ele arrancou.

— E depois?

— Queres ir ver antes de desaparecer tudo?

— Para quê?

— Oh, porque foi o cenário das nossas maiores aventuras? — sugeri. — Porque nunca mais vai parecer o mesmo? Porque foi, primeiro, o *nosso* sítio?

— Pois, está bem.

— Lembras-te de como se vai para lá? — trocei. Ele ficou-me com os seus olhos de aço, e eu sorri-lhe. Conhecia aquele olhar. Significava que a brigazinha terminara.

Em vez de virar à direita na Grandview, virou à esquerda.

O parque infantil já parecia uma cidade fantasma. Já não tinha baloiços. Só restava a casinha, manchada de azul da

tinta desbotada e a descascar. Metade da ponte de corda estava enterrada no chão de borracha preta, uma ponta ainda amarrada ao que era a parede de escalada, quando ainda tinha todos os apoios para pés e mãos.

Subi a escada, que abanava por não estar devidamente presa, e desci o escorrega tubular, saindo aos pés do Lonnie calçados com ténis.

— Também vais? — perguntei. Ele abanou a cabeça.

— Estou admirado por esta ser a primeira remodelação desde que éramos pequenos — comentou. — Provavelmente, já o deviam ter condenado há muito tempo.

— Mas é o nosso sítio! — exclamei.

— *Era* — lembrou o Lonnie, mas sem brusquidão.

Fora naquele parque que nos conhecêramos, onde nos tornáramos amigos e imagináramos os nossos primeiros mundos, juntos. Fazíamos de conta que éramos piratas espada-chins na ponte de corda, lançávamo-nos como trapezistas dos baloiços, defendíamos a fortaleza de zombies invasores imaginários. Aliás, um dos primeiros projetos do Minecraft foi criar uma versão melhor do parque infantil. O chão era sempre de lava, claro.

Após todo este tempo, andávamos sempre juntos, mesmo com o parque em ruínas.

— Lembras-te de quando tentei saltar das barras e me amparaste a queda? — perguntei, nostálgica.

— Pois, parti o pulso por causa disso — disse o Lonnie, a abanar a cabeça. — Já na altura não sabias planear nada,



sempre a querer pisar o risco, mas nunca pensando nas consequências.

— Sabes, se quisesse um sermão, ia às aulas. — Cruzei os braços sobre o peito.

O Lonnie encolheu os ombros, deu um pontapé numa tampa de plástico amarelo e dirigiu-se à armação. As barras estavam quase todas empilhadas no chão. Segui-o. Olhava para a pilha, muito calado. O sol estava a pôr-se, lançando um clarão cor de laranja sobre o parque infantil. O silêncio instalou-se à nossa volta.

Ele tinha razão. Este sítio já não era nosso.

— Vamo-nos embora — disse eu.

— Regresso às aulas, boa! — gozou ele.

Estendi-lhe a mão e senti uma corrente de eletricidade quando me apanhou os dedos; ficámos a baloiçar as mãos no caminho para o carro. A maioria das pessoas achava esquisito dar-mo-nos bem daquela maneira. Uma diferença de dois anos no secundário é um abismo. Especialmente quando se anda em duas escolas diferentes. É como tentar meter conversa com alguém do outro lado do Grand Canyon, só com as mãos em concha na boca. Ele ligou o motor, fez inversão de marcha na rua estreita e seguimos caminho.

Saquei do telemóvel e abri a aplicação do Minecraft.

— Se é para me dares na cabeça a noite toda por não ter montado as parvas das armadilhas, devias ao menos apreciar este chão de vidro que assentei na estufa.

Abanei o ecrã do telemóvel na cara dele.

— Olha!

— Bianca, deixa-me. Estou a conduzir. — O Lonnie enxtou o telemóvel com um braço.

Guinou à esquerda e os pneus até chiaram. O clarão cor de laranja do sol poente cegou-nos por momentos e derrapámos um pouco, e o Lonnie virou o volante para endireitar o carro. Nisto, apercebemo-nos, tarde demais, de que vinha alguma coisa contra nós, de que teríamos passado o vermelho, mas ainda não conseguíamos distinguir o objeto devido ao sol que batia nos olhos, mas sabíamos que não era coisa pouca. Os acontecimentos sucediam-se em câmara lenta, uns segundos esticados em anos, até que uma voz feminina robótica se ouviu pelas colunas do carro.

— Alerta de proximidade! Manobra de evasão recomendada!

O ambiente dentro do carro passou, num instante, de excitação elétrica a intenso medo, conforme outra viatura veio direita a nós tão depressa que não pudemos fazer nada.

Assim que o carro chegou perto e tapou o sol, consegui ver a cara do condutor, mas não muito bem. Tinha olhos escuros e cabelo liso espetado em todas as direções. A cabeça dele foi para trás quando o seu carro verde chocou com o nosso azul. Lembro-me do metal a esmagar-se quando nos estampámos, a misturar azul e verde, bocados de coisas a voar por todo o lado. Vidro, metal. A dada altura, até a luz parecia fraturar-se e projetar-se, em raios fractais que me fizeram arder os olhos e a pele. Depois, o cheiro a fumo.

O sabor a sangue. Qualquer coisa a arranhar-me no corpo que parecia rasgar-me algures no centro. Será que me cortaram ao meio? Virei-me, tentei ver se percebia o que se passava, se via a cara do Lonnie para lhe ler nos olhos o quanto aquilo era mau. Mas não o conseguia ver. Era como se tivesse desaparecido e só restasse eu, e o carro azul e o carro verde, que agora pareciam uma única coisa embrulhada, com vidro a tilintar, caindo como chuva a toda a minha volta, e a percepção chocante de que o homem do outro carro estava à minha frente, como se viajássemos juntos. Logo ali à frente. Eu podia tocar-lhe. Tentei. Só que as minhas mãos não se mexiam. Nada se mexia, além dos carros ainda a colidirem e a afastarem-se um do outro. Portanto, tentei chamar pelo Lonnie, mas não me saiu nada da boca.

Nisto, ficou tudo às escuras.

## CAPÍTULO 2



Havia uma auréola de luz verde por cima de mim. Entrei em pânico por instantes, até perceber que era um candeeiro de rua. Devia estar caída no chão. Só que não sentia nada. Nem o chão, nem o meu corpo. Nem sequer me mexia. Tentei dizer alguma coisa, mas a boca também não funcionava. Uma mulher de rabo de cavalo louro debruçava-se sobre mim, a franzir um sobrolho. Olhou para cima e disse qualquer coisa a alguém que eu não via. Estava a falar, mas eu não a conseguia ouvir. Não conseguia ouvir nada. Parecia que só os meus olhos funcionavam, e até isso... Estava tudo fosco, e limitado, como se só pudesse olhar para cima.

Tentei mexer alguma coisa. Qualquer coisa. Um dedo. A língua. Nada funcionava. Será que tinha morrido e o meu espírito ficara a pairar pouco antes de seguir... para onde quer que os espíritos vão? Se calhar também estava entalado, não se conseguia mexer. Se calhar estávamos ambos paralisados.

A loura tinha uma blusa com um retângulo onde se lia TÉCNICA DE EMERGÊNCIA MÉDICA DO HOSPITAL ANJOS SAGRADOS. Parecia mexer as mãos sobre o meu corpo, fazia não sei bem o quê porque não sentia nada, nem conseguia mexer os olhos o suficiente para ver.

Será que ainda estávamos no local do acidente? Pensei se o Lonnie estaria por perto, no mesmo estado que eu, e se o outro condutor conseguiria sentir alguma coisa, se os meus pais ou a minha irmã saberiam onde eu me encontrava, se seria ali que eu teria morrido.

A vista tremeu e mudou, como se me mudassem de sítio. A auréola da luz do candeeiro sumiu-se. Acima de mim, o céu era escuro, muito mais escuro do que quando eu e o Lonnie saímos do parque. Tentei pensar quanto tempo demora o céu a ficar tão escuro. Uns minutos? Horas? Há quanto tempo eu estaria ali?

Nisto, os outros sentidos começaram a voltar.

Primeiro, a voz da técnica soou acima de mim.

— Metam-na na ambulância!

Atrás ouvia-se barulho de sirenes, gente a arrastar-se, a bradar coisas que eu não discernia, e o som inconfundível do metal a amolgar-se. Ouvei gravilha restolhar no chão e o clique de alguma coisa a encaixar-se por baixo de mim. Estavam a deslocar-me, lenta e suavemente. As estrelas giraram.

O olfato veio a seguir. Uma rajada de fumo acre misturada com um odor a borracha queimada. Suor, e cheiro a terra.

Depois o gosto do sangue na boca. Mexi a língua e tentei sentir. Estava tudo dorido, senti bocados afiados na ponta, e espaços vazios de gengivas inchadas.

Mais sons. Gritos. Choro. Gemidos. O alarme do carro tinha disparado, a voz robótica entoava calmamente que o socorro vinha a caminho.

Luzes vermelhas intermitentes na tinta branca lustrosa da ambulância.

O interior da ambulância. Teto branco e liso. Fechos metálicos nas caixas de material mais acima. A cara da técnica de emergência e de outro tipo, debruçados sobre mim. Um sorria, o outro franzia o sobrolho, mas eu confundia-me sempre porque não conseguia focar os olhos num ou noutro, e estava sempre aos safanões, e a sirene ligada. Devíamos ir a caminho dos Anjos Sagrados.

Passámos para um troço de estrada reta e lisa, e a vista já não me tremia tanto.

Era o homem. O homem sorria.

A seguir, levaram-me para fora da ambulância e o cheiro a desinfetante assolou-me de imediato. As luzes do hospital eram brancas e vivas. Alguém lhes diga que não são nada tranquilizantes. Deviam arranjar lâmpadas halogénicas como as da rua. Fechei os olhos e ouvi sapatos a chiarem devido à borracha, a correrem ao meu lado, enquanto as rodas da maca giravam e tropeçavam no piso do hospital. Vi a luz ainda a incidir-me nas pálpebras e percebi sempre que alguém se debruçava sobre mim, porque me fazia sombra na cara.

De súbito, recobrei os sentidos. Começou como uma onda nas extremidades. Sentia os pés e as mãos como se a pele tivesse sido repuxada. Sentia tudo e tudo doía. Gritei e a corrida acelerou. A dor passou para dentro do estômago e alastrou até ao alto da cabeça. Não havia nada que não doesse. Pernas, braços, tronco, pescoço, cabeça, boca, olhos. Sentia-me como se tivesse passado pela picadora. Não conseguia parar de gritar, embora me fizesse doer ainda mais a garganta. Não conseguia. Acho que tentavam que parasse. Sentia-os a levarem-me, a sacudirem-me, e ouvi-os a tentar dizer alguma coisa, mas não percebi nada, entre os meus próprios gritos. Só conseguia discernir a maneira como me sentia, a maneira como tudo me doía, e pensei: *Será isto a morte?* Tentei dizer-lhes: «Façam com que pare!»

Nisto, tudo parou.

Acordei num quatinho bege, com estores verticais de vinil e equipamento a tinir à minha volta. Havia duas poltronas de braços de cada lado de uma mesa de plástico bege com rodinhas. Uma manta azul cobria-me o corpo. Não conseguia ver em que estado me encontrava, exceto as pernas, que pareciam muito mais gordas do que o costume, e achei que estariam engessadas. Espetáculo. Também não conseguia ver os braços. Tentei mexê-los e não consegui. Ou não tinha braços, ou a anestesia que me teriam dado ainda não passara. Sentia-me zozna e com dores entorpecedoras por

toda a parte. Pelo menos, conseguia mexer os olhos e olhar em redor. Estava sozinha. Era só eu e os monitores sonoros, e um jarro de plástico cor-de-rosa com condensação na mesa de rodas. Não havia copos. Deitei a língua de fora. Sentia os lábios secos. Apetecia-me água, mas parecia que a voz não funcionava, e não podia pedir, mesmo que não me encontrasse sozinha. Tentei mexer os dedos para ver se havia um botão de chamada, ou coisa assim, para dizer a alguém — quem quer que fosse — que estava acordada e que podiam começar a tratar-me, ou dizer-me o que aconteceu, ou qualquer coisa, mas ainda não sentia os dedos, nem sabia se ainda os tinha ou não.

Qual seria o meu aspeto?

Onde estaria toda a gente?

O que teria acontecido ao Lonnie?

Quando tornei a acordar, mirei o teto de mosaico do hospital. Daquele mesmo genérico, cinzento e bege — na minha mente turva, pensei, *Cinzege?* — assente numa grelha que dá vontade de contar, especialmente se for a única coisa que vês. As luzes estavam baixas e não percebi se me encontraria no mesmo quarto de antes, ou se me teriam mudado. Era mais pequeno do que me lembrava, parecia haver menos zumbidos e tinidos do que da última vez que estive consciente. Progressos, pensei. Tentei mexer-me, não consegui, outra vez, e não via nada do meu corpo porque



estava estendida. Se calhar as pernas tinham desaparecido. Ou o corpo todo. Será que uma pessoa pode sobreviver só com a cabeça?

Também achei que os medicamentos me deixavam zozna. Parecia-me uma avaliação sensata das minhas faculdades mentais.

A porta abriu-se e fechou-se, ouvi a minha mãe sussurrar.

— Quanto tempo mais lhe parece?

— Vai ser uma recuperação difícil, Sra. Marshall. As lesões são extensas. Vai ter de ser um dia de cada vez.

Ouvi algo como um choro abafado e depois a voz do meu pai.

— A Carrie quer vê-la. Trago-a depois das aulas.

A Carrie não tinha aulas ao sábado. Apetecia-me perguntar do que é que falavam, mas depois ocorreu-me que, provavelmente, já não seria sexta-feira, nem sequer fim de semana. Tentei chamar, *Ó, Malta*, mas saiu-me um elegantíssimo «Ónghh». Estava reduzida ao vocabulário de um aldeão do Minecraft.

Os meus pais vieram logo à beira da cama, animados por eu ser capaz de emitir algum som.

*Olá*, tentei outra vez. «Hã», saiu-me.

— Bianca! — disse a minha mãe em voz baixa. As lágrimas escorriam-lhe pela cara, deixavam rastos castanho-claros na maquilhagem.

— Como te sentes? — perguntou o meu pai.

Tentei assentir com a cabeça. Doía.

Nisto, apareceu uma mulher de bata branca e os meus pais desviaram-se. Ela tinha grandes olhos castanho-escuros e uma trança preta que lhe descia pelo ombro. Quando se inclinou, o cabelo destapou o crachá do nome. Era a DRA. NAY.

— Olá, Bianca — cumprimentou ela. — Ainda bem que acordaste.

— Quanto tempo estive desmaiada? — tentei perguntar, mas tornaram a sair gemidos. E baba, lamento dizer. A minha mãe tirou um lenço de papel e limpou-me a boca, com uma expressão de aflição.

— Passou quase uma semana desde o acidente — disse a Dra. Nay, como se eu tivesse sido capaz de articular a fala.

— Finalmente, estabilizaste o suficiente para te acordarmos.

— Quais são os danos, doutora?

A Dra. Nay teclou nuns botões do tablet e apareceu um holograma, projetado por uma câmara acoplada num dos lados do aparelho. Diante dos meus olhos surgiu uma miniatura minha. Era feérica, como olhar para nós em versão esquemática.

— Tens muita sorte, Bianca. Se tivesses sofrido este acidente há uns anos, não sei bem se teríamos a tecnologia adequada para te ajudar.

Não me sentia com sorte nenhuma, assim engessada de corpo inteiro e tudo, mas acreditei na palavra dela. A Dra. Nay premiu outros botões e o holograma do meu corpo coruscou a vermelho em quase dez pontos diferentes.

As notícias eram péssimas: dois braços partidos, um osso da anca partido, três ossos partidos no pé direito, duas costelas partidas, um pulmão colapsado e um traumatismo craniano. Mais parecia aquele jogo Operação a correr tremendamente mal.

— Ainda bem que és uma lutadora — disse a Dra. Nay.

Não me lembro de estar consciente para lutar, nem de saber quem estava à minha volta, nem sequer como conseguira chegar àquele quatinho horroroso que cheirava a pinho, remédios e chichi — tive a esperança de que não fosse meu, mas sabia que, provavelmente, seria.

A Dra. Nay debruçou-se e compôs o fluxo de uma bolsa ligada ao tubo intravenoso. De repente, senti frio do meu lado direito e tornei a sorrir, finalmente capaz de sentir o braço. O frio alastrou e banhou-me, depois a fraqueza voltou, como um nevoeiro que desce. A Dra. Nay continuou a falar com os meus pais. Parecia haver muito a dizer. Tentei acompanhar, mas custava-me ouvir. Custava-me sentir. Custava-me, pronto. Como nadar contra uma corrente forte. A seguir, ficou tudo escuro outra vez.

*À terceira é de vez*, pensei, ao acordar de novo. Agora a luz parecia mais viva, tinha o meu corpo recostado e consegui ver o quarto bege, com as poltronas, a mesa plástica com rodinhas e o jarro cor-de-rosa cheio de condensação, outra vez. *Déjà vu*. Tirando o meu pai, que estava agora sentado

numa poltrona, a ler a revista *InfoTech*. Para a idade que tem, está sempre na vanguarda da tecnologia. Bem, é o trabalho dele.

— Olá — disse eu. Já me saiu uma palavra reconhecível, o que me surpreendeu, e fiz um som, meio soluço, meio gemido. Pois. Do mais esquisito que pode haver. Vai por mim.

O meu pai praticamente saltou da poltrona.

— Olá — disse ele. — Como te sentes?

Encolhi os ombros, ou acho que encolhi. Acho que não mexi parte alguma.

— O que aconteceu? — perguntei, sabendo muito bem o quê, mas incapaz de arranjar pergunta melhor.

— Ficaste em muito mau estado — disse ele, em voz baixa, como se falar alto piorasse as coisas. Estendeu a mão para uma das máquinas e tocou no ecrã. Fiquei enervada, mas não aconteceu nada. — Vais ficar aqui algum tempo. — Suspirou. — Já fizeste umas cirurgias, e tens gesso. — Pôs a mão quente na minha testa. — Também tivemos de chamar um cirurgião plástico. As marcas não vão ser assim tão más.

Devo-me ter encolhido ou algo assim, pois empalideceu.

— Não é assim tão mau. E vais ficar bem. O pior já passou, como eles dizem. — O meu pai riu-se, deu umas pancadinhas com a revista no suporte plástico da cama e recuou um passo. Era evidente que não queria dizer mais nada.

— O Lonnie? — perguntei.

— O quê? — perguntou ele. Via-se o sofrimento estampado no seu rosto. Depois, pestanejou umas vezes, e parecia doente. — Bianca...

A porta abriu-se e a Dra. Nay entrou.

— Bom dia, Bianca! Como te sentes?

*Como se tivesse tido um desastre*, apetecia-me dizer em tom de troça, mas achei melhor não o fazer.

O meu pai desviou-se para ela se aproximar. Tirou o estetoscópio do pescoço e auscultou-me o peito.

— A respiração está bem, finalmente.

*Não respirava? Quando é que a respiração não esteve bem?*

Ela olhou para o meu pai e assentiu.

— É uma campeã, esta menina.

Depois virou-se para um tablet que tinha em cima da mesa, tocou no ecrã algumas vezes. Apareci eu, como um smurf azul e a pairar acima do aparelho, e a Dra. Nay mostrou-me todas as cirurgias que já me tinham feito enquanto dormia.

— Todos os exames apresentam resultados melhores — disse ela. — Agora é só convalescença, ou seja, poderás ter de ficar hospitalizada algum tempo.

O meu pai fitou-me com olhos tristes e senti o coração cair-me aos pés. *Quanto é que isto iria custar? A quantas aulas eu iria faltar?*

— Administrámos os analgésicos mais fortes possíveis, nestas circunstâncias — continuou a médica, a mirar o meu pai —, mas as enfermeiras dizem que ela ainda acorda ao

fim de poucas horas, a querer mexer-se. Ela tem o máximo que lhe podemos dar neste momento, e deve ser por isso que está acordada e confortável. Mas temos de garantir imobilidade.

Não me lembrava de acordar. Não me lembrava das dores, mas o olhar horrorizado do meu pai indicou-me que ele já teria visto esse despertar ao vivo e em pessoa.

— Quero com isto dizer que não lhe podemos dar mais por algum tempo, e ela está acordada, portanto pode ser... uma noite difícil.

O meu pai assentiu. Pressionou os lábios e agarrou-se ao suporte da cama com força. Cheguei a achar que ainda se partia.

— Fico com ela toda a noite. A mãe virá de manhã. Havemos de conseguir.

Com isto, a Dra. Nay saiu, e o meu pai compôs as mantas que me tapavam. Lentamente, comecei a sentir de novo no meu corpo, e percebi então ao que se referia a Dra. Nay, e porque é que o meu pai ficara tão aflito. Era como ser lentamente mergulhada em lava. Pode-se pensar, *oh, claro, posso ficar sem um dedo, até sem o pé, na boa!* Mas continuava a consumir mais e mais do meu corpo. Sentia-me enfraquecida de dores. Doía-me só de olhar para a cara do meu pai. Porque ele não podia fazer nada, e eu estava zangada com ele por não poder fazer nada, e depois zangada comigo própria porque sabia que ele nada podia e também era uma tortura para ele.

Além disso? A culpa era toda minha.

Acordei outra vez a meio da noite. O meu pai dormia na poltrona, com a revista aberta no peito. Descalçara os sapatos e ressonava levemente. A porta do quarto estava aberta e incidiu-me na cara uma tira de luz que devia vir do posto das enfermeiras. Ainda não sabia onde estaria o botão de chamada, mas calculei que passara a hora de mais medicamentos, porque senti outra vez tudo dormente. A dor reduzira-se a um ardor. Apetecia-me água, mas não queria acordar o meu pai. Não fazia ideia de quanto tempo ele estaria sem dormir. Tinha a roupa toda amarrotada. O cabelo, geralmente penteado, estava todo empastado. Podia estar ali há horas, se não mesmo dias, sem pausas. Alguém tinha de estar em casa com a Carrie. Lembro-me de ele dizer algo sobre trocar com a minha mãe. Talvez a sua pausa chegasse em breve.

Porém, uma parte de mim sentia-se imensamente aliviada por ter o pai a dormir e não haver ninguém a quem chamar. Porque sabia que, assim que me achassem melhor, assim que achassem que podia ter uma conversa normal, haveria perguntas. Muitas. Assim, todos saberiam o que eu fizera, e que era tudo culpa minha.

Passou uma sombra pela minha porta, e alguém com voz fina sussurrou.

— Olá.

— Olá — consegui dizer.

Nisto, entrou um rapaz com uns 11 anos, de pijama a dizer GAMER 4 LIFE, e um roupão com planetas luminescentes.

— Quem...? — perguntei, e não consegui dizer mais nada. Doía-me tanto a garganta.

— Sou o A.J. Estou no quarto ao lado — explicou ele. Aproximou-se mais, mas parou quando o meu pai soltou um ronco bem sonoro, e o miúdo ficou admirado por se encontrar ali mais alguém.

O A.J. chegou à máquina com o soro e tocou no ecrã. Parecia uma maneira estabelecida de fazer contacto com os doentes. Fiz menção de me lembrar, para quando fosse ao quarto de outro doente. Isto se alguma vez voltasse a andar.

— Sou a...

— Bianca Marshall. Eu sei. Vi a tua ficha quando a Dra. Nay entrou.

— Ah — disse eu.

Ele sorriu.

— Lonnie — disse eu. — Elon Lawrence. — Custou-me muito dizer isto tudo.

O A.J. parecia confuso. Abanou a cabeça. Os caracóis escuros e pequeninos balouçaram na cabeça.

— Não, tu és a Bianca — afirmou, com cada sílaba do meu nome.

— Amigo meu — disse. — Estávamos num carro. Ele pode estar pior.

O A.J. ergueu as sobrancelhas.

— Pior do que tu? — perguntou. — Tu estás bastante mal. Quem estiver pior do que tu já deve ter morrido.



Esperei que se risse, que sorrisse, que dissesse que era a brincar. Mas o miúdo dizia a verdade que sabia, e senti uma dor penetrante no alto da cabeça, a indicar-me que ele tinha razão, que pior do que eu não podia sobreviver. Se alguém tivesse algo de bom a dizer-me sobre o Lonnie, já o teria dito.

— Posso ir ao posto das enfermeiras, ver se encontro a ficha dele — sugeriu o A.J.

Teve o efeito imediato de mitigar a ansiedade latejante que se me subia pelo peito. Ou talvez fosse a medicação. Houve uma série de bipes e as máquinas à minha volta zumbiram um pouco. Segundos depois, comecei a sentir-me um pouco melhor.

— Obrigada, A.J. — disse-lhe. Quando se virou para sair, vi-lhe qualquer coisa na mão. — O que é isso?

Ele virou-se.

— Isto? — Mostrou-me algo que parecia uma bandolete de plástico branco. — São óculos de RV<sup>1</sup> — respondeu. Chegou-se mais para eu ver bem. — Podes ver filmes e tal, mas eu tenho jogado Minecraft.

— Eu gosto de Minecraft.

— Ai sim? — Os olhinhos do A.J. até brilharam.

— Eu e o meu amigo temos criado um mundo, juntos — disse-lhe, algo admirada com o quanto conseguia falar. Olhei para a máquina mais próxima. Pois. Era mesmo o efeito do analgésico.

---

<sup>1</sup> RV – Realidade Virtual [N. do E.]

O miúdo pestanejou e assentiu, acho que à espera de que eu entrasse em pormenores.

— Tem montes de aldeias com configurações diferentes e regras e cenas.

O miúdo animou-se mesmo.

— Ai sim? Eu gosto de jogar em modo sobrevivência. Mas uso mods, até fiz algumas!

— Que fixe — comentei.

— Então devias experimentar estes óculos — disse ele.

— Vais-te passar.

Antes que eu respondesse, o A.J. aproximou-se da beira da cama e pôs-me os óculos na cabeça. As duas pontas beliscavam-me nas têmporas. Comparado com o que o resto do meu corpo sentia no momento, aquilo não era nada. Senti um formigueiro na cara que se espalhou até à testa. De súbito, a dor na cabeça cresceu como uma onda, mas tentei não gemer nem fazer caretas, não queria chatear o miúdo, que devia achar que me fazia um grande favor.

Abri os olhos e fiquei admirada ao ver que o quarto do hospital sumira por completo. O jogo já estava ativo, a meio do que o A.J. estivesse a fazer antes.

— A princípio, é um bocadinho esquisito — avisou.

— Mas depois habituas-te.

Ele não brincava. Ser atirada para um jogo completamente montado a meio desorientou-me. Era mais luminoso do que o quarto no hospital, de certezinha. As cores pouco realistas de verde, castanho e azul pareciam banda desenhada

e senti-as como uma bofetada. Comecei a olhar em redor, para o bioma de floresta onde me metera, e percebi que, se olhasse para determinado ponto, começava a avançar nessa direção. Os movimentos eram bruscos, davam-me logo vontade de vomitar. Fechei os olhos e tentei respirar fundo, não quis dizer que queria sair. Afinal, tinha de impressionar uma criancinha. Mais, havia a sensação de ser apenas uma cabeça sem corpo. Tentei mexer-me outra vez e senti um rombo no estômago.

— Vais vomitar? — perguntou o A.J.

— Não... Eu... Hum...

— Se calhar, devias parar — disse ele. Sem aviso, tirou-me os óculos e, para dizer a verdade, não fiquei assim muito melhor. Voltar ao mundo real e monótono deixou-me ainda mais enjoada, virei-me para o outro lado da cama, longe do miúdo, e vomitei.

Tentei limpar a boca à ponta da manta e o A.J. recuou para a porta. O meu pai mexeu-se, mas não acordou. Apareceu uma enfermeira esbaforida, olhou para o miúdo, para mim, outra vez para o miúdo, e depois avançou devagar para me limpar. Havia vomitado nas minhas tranças. Não estava realmente a pensar em pontaria quando abri a boca.

— Que nojo — disse o A.J.

— Volta para o teu quarto — ordenou a enfermeira. — Já lá vou ver como estás. Sabes bem que não deves andar por aí. E de certeza que não deves ir ao quarto dos outros doentes.

O meu pai acordou, endireitou-se e tentou perceber o que se passava.

O A.J. fez uma careta, mas recuou até à porta.

— Entrar e sair é complicado — disse ele. — Nem toda a gente consegue. Há uma maneira diferente que te posso mostrar. — Encolheu os ombros. — Principalmente para novatos.

— Sair de quê? — perguntou o meu pai.

— Do jogo — respondeu o A.J., a mostrar-lhe os óculos.

Ofendi-me com o comentário dos novatos e apeteceu-me dizer-lhe que conseguia sim, senhor, mas, obviamente, aquele não era o meu melhor momento, deitada numa cama de hospital, feita em papa, com uma enfermeira a limpar vomitado. Vi-o recuar até ao corredor e desaparecer.

Ora essa, eu ia mostrar-lhe que conseguia. Não sou novata nenhuma.

Que espécie de jogadora seria, se não conseguisse?

# UMA NOVA AVENTURA DO UNIVERSO MINECRAFT DE CORTAR A RESPIRAÇÃO!

A Bianca acabou de sofrer um terrível acidente de automóvel em que perdeu o melhor amigo, Lonnie. A recuperar no hospital, a única coisa que a distrai do trauma é o jogo Minecraft. Só que esta versão é diferente, pois é em realidade virtual!

Enquanto explora este novo mundo fascinante, encontra um avatar que se parece muito com o seu amigo Lonnie. Acreditando que é mesmo ele, alia-se a outros dois jogadores, a Esme e o Anton, internados no mesmo hospital, para tentar salvá-lo.

Os seus medos, no entanto, parecem interferir no jogo, e mobs aterradores ganham vida, colocando-os a todos em perigo! Será que é mesmo o Lonnie que está preso no jogo? Conseguirá ela trazê-lo para o mundo real? Só enfrentando o universo imersivo do Minecraft poderá descobrir!

LÊ TAMBÉM:



booksmile  
livros que saltam à vista  
20|20 editora

10+

ISBN 978-989-707-718-0



9 789897 077180

Literatura Juvenil